

MULHERES NEGRAS DECIDEM

PARA ONDE

VAMOS



MULHERES NEGRAS DECIDEM

PARA ONDE VAMOS

**MULHERES
NEGRAS
DECIDEM**



INSTITUTO
MARIELLE
FRANCO

APOIO



Baobá
FUNDO PARA EQUIDADE RACIAL

EQUIPE TÉCNICA

Coordenação da Pesquisa:
Ana Carolina Lourenço e Juliana Marques

Pesquisadoras:
Fabiana Pinto, Gabrielle Abreu, Marcelle Decothé, Tainah Pereira

Análise de Dados:
Juliana Marques

Textos:
Ana Carolina Lourenço e Gabriele Roza

Revisão ortográfica e gramatical:
Dayse Sacramento

Diagramação e Identidade Visual:
Giulia Santos

SUMÁRIO

1. Apresentação.....	5
2. Metodologia.....	7
3. De onde partimos?.....	10
4. Como estamos atuando?.....	20
5. Mulheres negras ativistas e disputas eleitorais.....	27
6. Para Onde Vamos - Por uma Nova Imaginação Política liderada pelas Mulheres Negras.....	31
7. Considerações Finais e encaminhamentos.....	38

Apresentação

O relatório *Mulheres Negras Decidem - Para Onde Vamos* teve seu ponto de partida nas inquietações e medos compartilhados por ativistas negras de diferentes partes do Brasil, em um grupo online, nas duas primeiras semanas da pandemia de COVID-19 e isolamento social no país. Rapidamente, entendemos que o cenário de incertezas trazido à tona por uma crise de nível global, inicialmente de saúde pública, impôs abruptamente um reajuste nas condições e formas de atuação de um grupo que cada vez mais cresce no Brasil: as mulheres negras ativistas.

A sensação de impotência deu o tom ao passo que a realidade, já difícil, transformou-se em catástrofe. O imenso abismo que separa as mulheres negras brasileiras do poder, ao qual a intelectual Sueli Carneiro (2009) diz ser “o mesmo que falar do ausente”, definiu o teto das possibilidades que o grupo pode assumir na pandemia. Homens brancos são a esmagadora maioria dos líderes e tomadores de decisão nos processos de implementação das políticas de enfrentamento à COVID-19. Enquanto, os corpos negros protagonizam os indicadores de letalidade, de avanço do desemprego e empobrecimento. Mas nós vemos algo além disso.

Vemos ativistas negras fazerem as perguntas certas. Mulheres negras lideram as campanhas que apontam para a precariedade das relações trabalhistas. Elas estão empenhadas em usar as suas recentes conquistas educacionais para diminuir os ruídos da divulgação científica. Organizam mutirões de coleta e distribuição de alimentos. Muitas trabalhadoras negras denunciam ao mundo que trabalham sem os equipamentos corretos. As ativistas negras se organizaram, priorizaram e efetivaram. Acima de tudo, jogaram a opinião pública para o lado mais justo. Então, como visibilizamos a presença das ativistas negras neste contexto? E melhor, como coletamos e aprendemos com estas experiências para construir as saídas da crise?

Neste relatório, partimos das experiências de atuação das ativistas negras brasileiras para pautar o futuro que queremos no pós-pandemia. Entendemos que contar as histórias dessas mulheres é uma forma de amplificar suas presenças.

Esta pesquisa é uma contribuição do [Movimento Mulheres Negras Decidem](#) e do [Instituto Marielle Franco](#) no processo de visibilização das ativistas negras brasileiras frente ao atual contexto de crise social, política e econômica. Além disso, com as informações descritas neste relatório, pretendemos contribuir para a formulação de soluções para a saída da crise. O processo de pesquisa contou com uma equipe formada por mulheres negras de diferentes campos das Ciências Sociais, que utilizaram de um amplo conjunto de fontes e métodos mistos de

pesquisa para explorar a atuação e a percepção das ativistas negras frente ao atual contexto.

O relatório demonstra que, em uma sociedade hierarquizada por opressões, acompanhar a atuação das ativistas negras diante de uma crise social, política e econômica representa uma chave analítica privilegiada. Afinal, se o poder se organiza e opera por meio de opressões interseccionais, então, a resistência das ativistas negras deve demonstrar uma complexidade comparável.

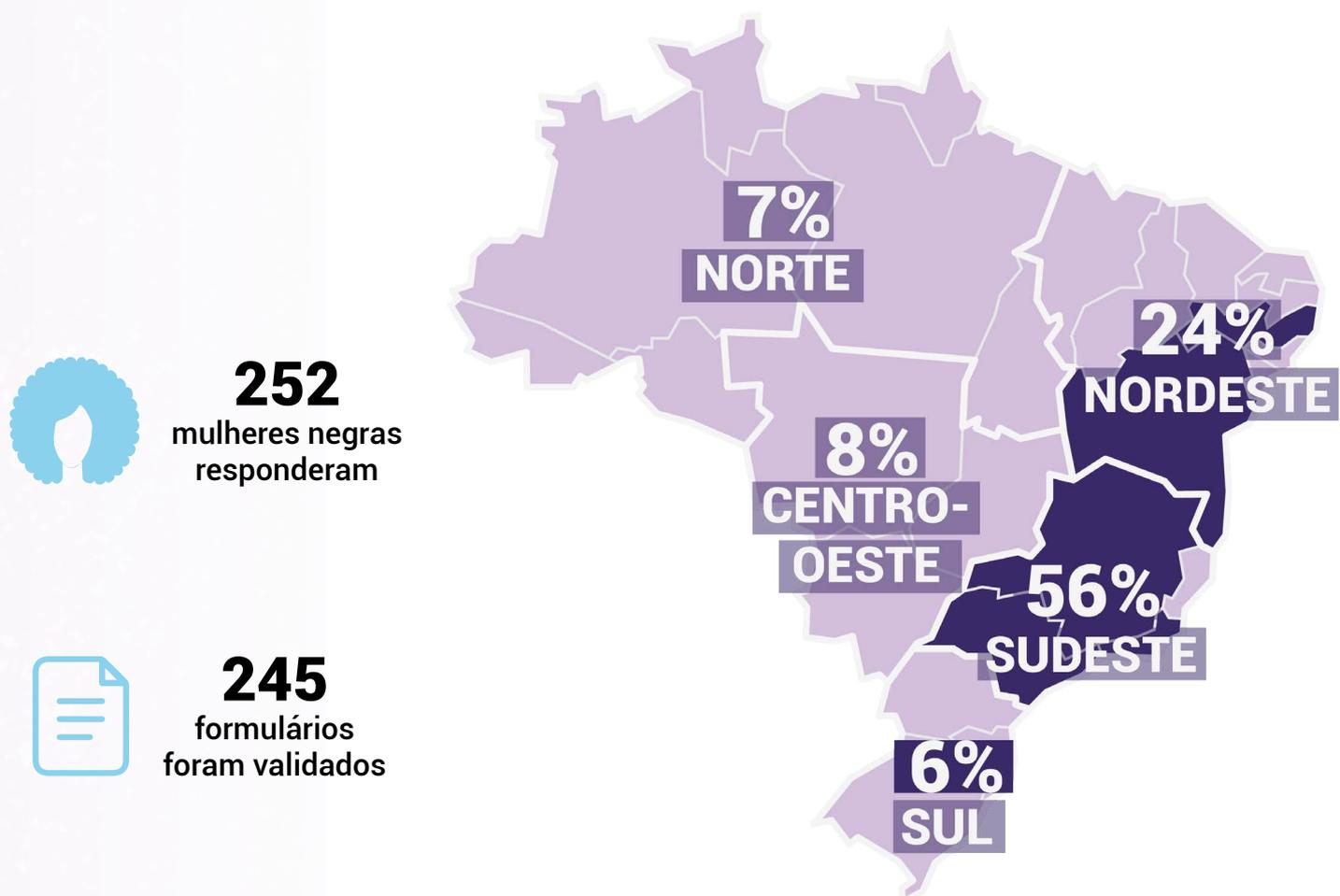
Nas próximas páginas, vocês irão acessar a complexidade que marca o ativismo que está sendo realizado pelas mulheres negras. Acessamos um diverso grupo de ativistas negras de idades variadas e de todas as regiões e estados brasileiros. Um grupo de mulheres com grande capilaridade territorial, 29% das entrevistadas moram fora das capitais dos seus estados. São mulheres negras que lideram o retrato do salto educacional da população negra realizado nos últimos anos, 93% das nossas entrevistadas acessaram a universidade. Apesar de representarem um grupo altamente escolarizado, persistem os desafios da autonomia econômica entre elas, afinal 57% das entrevistadas possuem renda familiar de até três salários mínimos. As nossas entrevistadas implementaram, monitoraram e avaliaram políticas públicas. Elas têm interesses e formas de atuação diversas, mas apontam para importância das disputas da institucionalidade.

O aprendizado a partir da trajetória e da perspectiva das ativistas negras pode estilhaçar ilusões debilitantes que insistem em entender as mulheres negras apenas como potenciais beneficiárias dos programas sociais emergenciais e não como suas possíveis idealizadoras e implementadoras. As informações podem nos tornar capazes de encarar o futuro com mais entusiasmo ao considerarmos novas alternativas. Ao entendermos as formas pelas quais as mulheres negras lutam, defendem suas comunidades e produzem metodologias e estratégias de ação, temos acesso a um complexo e sofisticado pacote de soluções para os principais problemas que atravessam a sociedade brasileira. Ao acessar a vibrante imaginação social e política das mulheres negras, a crise, em vez de nos forçar a pisar no freio, pode nos inspirar à mudança.

Metodologia

O principal objetivo da pesquisa foi acessar parte do universo das mulheres negras ativistas comprometidas com debate de gênero e raça no Brasil. Para isso, buscamos verificar os impactos da pandemia na forma de atuação destas ativistas, como elas se comportaram diante do processo eleitoral municipal de 2020, assim como quais são as percepções, estratégias e soluções que esse grupo pode ofertar para o Brasil em um momento de crise como o atual.

As entrevistas realizadas em formato de formulário online que deram origem a essa pesquisa foram aplicadas entre os dias 15 e 25 maio de 2020. Responderam a pesquisa, 252 mulheres negras, e, destas, 245 formulários foram validados. Em relação ao território, há respostas de todas as unidades da federação. Os Estados com mais respostas foram Rio de Janeiro, Bahia, Minas Gerais, São Paulo e Pernambuco. A proporção das respostas regionalmente, apresentou a seguinte ordem: 56% Sudeste, 24% Nordeste, 8% Centro-Oeste, 6% Norte, 6% Sul.



Ainda sobre a distribuição no território, não buscamos uma proporção da amostra com a representação demográfica de mulheres negras regionalmente no país, visto que não podemos afirmar que exista uma relação direta entre o número de ativistas negras e o número de mulheres negras em cada região. Usar a demografia como ponto de partida significaria dizer que o processo de autodefinição de uma mulher negra como ativista é um fenômeno igualmente verificado, não importando a historicidade, política e aspectos sociais e culturais locais.

Contudo, lembramos que a pesquisa foi realizada em um cenário de quarentena no Brasil, no qual foi necessária internet e aparelho móvel de conexão com a internet para ter acesso à informação da pesquisa e o formulário. Em alguns casos, com 6 mulheres, o contato e o preenchimento foi feito por telefone. Ainda sim, vemos que o percentual de mulheres negras com acesso à internet por região é sudeste (85%), nordeste (69%), centro-oeste (83%), sul (81%), norte (72%).

Quanto à representatividade das respostas em relação ao público alvo que pretendemos alcançar - mulheres negras ativistas comprometidas com o debate antirracista e de gênero - utilizamos diferentes estratégias de aplicação de pesquisa e análise dos dados para validação. Antes da aplicação da pesquisa, realizamos um mapeamento prévio de ativistas negras, de diferentes Unidades da Federação (UFs). Nesta etapa, privilegiamos a coleta de nomes a partir de portais de conteúdo de mulheres negras, listas de selecionadas em editais focados em lideranças e mapeamentos de iniciativas de enfrentamento aos efeitos do novo coronavírus. Posteriormente, como estratégia de difusão, além do contato direto com as ativistas mapeadas, também compartilhamos o formulário em algumas páginas e grupos onlines de ativistas negras. Para a validação das respostas, fizemos limpeza e testes de consistência.

Utilizamos um questionário composto por um total de 40 perguntas, sendo 31 perguntas fechadas e 9 perguntas abertas, e dividido pelos blocos: (1) De onde partimos, (2) Como atuamos e (3) Para onde vamos. A análise dos dados coletados contém, em sua maioria, estatísticas descritivas. Como método para verificação de diferença significativa entre a associação de algumas variáveis foi utilizado o teste qui-quadrado, teste estatístico aplicado a dados categóricos para avaliar a probabilidade de que alguma diferença observada aconteça ao acaso ou não.

Além das entrevistas, os dados e informações secundárias que aparecem no relatório foram coletadas e organizadas entre os dias 24 de abril e 29 de maio. Tanto para a construção das premissas centrais, quanto para a elaboração das perguntas do formulário e das hipóteses para leitura dos dados coletados, as coordenadoras partiram dos pressupostos teóricos e metodológicos do que Patricia Hill Collins chama de Pensamento Feminista Negro. A fim de delimitar e contextualizar o conjunto de dados e tendências que aparecem neste trabalho, foram utilizadas biografias, organizações de escritos de vida e coletâneas de ativistas negras brasileiras que inferem, analisam e apontam para fenômenos e processos muito semelhantes aos quais acessamos a partir da realização da pesquisa.

***DA ONDE
PARTIMOS?***



Antes de buscar compreender as experiências do grupo de mulheres negras ativistas no Brasil e suas ações durante a pandemia de COVID-19, é preciso qualificar algumas informações sobre as mulheres negras brasileiras. Diversas pesquisas, que passam por uma ampla agenda de universalidade de direitos, como no caso das políticas educacionais, de saúde, emprego e habitação, mostram em dados a exposição das mulheres negras à situações mais precarizadas. As violências direcionadas a esta população vão além das situações do presente, estão ligadas ao processo de genocídio do povo negro no Brasil, iniciado no sequestro e escravização de africanas e africanos. No pós-abolição, tais violências são influenciadas pelo racismo e por complexas dinâmicas sociais que combinam com limitações para o enfrentamento. O domínio social e a estrutura de poder social centralizada no homem ou no masculino coloca ainda mais este grupo em uma situação de desprivilegio em relação aos outros.

Quando analisamos os efeitos da intersecção entre raça e gênero no Brasil, percebemos a partir de dados que o grupo das mulheres negras é o mais marginalizado em relação à garantia de direitos. Apesar deste contexto, foi percebido nos últimos anos um aumento da autodeclaração de mulheres negras no país. Entre 1995 e 2015, o percentual de mulheres negras na população brasileira cresceu cinco pontos percentuais, foi de 22,4% para 27,1%. Em 2018, de acordo com a PNAD-Contínua, já passava de 28%, representando o maior grupo demográfico brasileiro. O aumento da população negra vem sendo apontado pelo IBGE em diversas pesquisas. Segundo Maria Lucia Vieira, gerente da pesquisa da PNAD - Contínua, um dos fatores da mudança está no maior reconhecimento da população negra em relação à própria cor, que faz mais homens e mulheres negras se identificarem com a classificação.

O Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) e Fundo de Desenvolvimento das Nações Unidas para a Mulher (UNIFEM) destacou na pesquisa “Retrato das Desigualdades Gênero e Raça”, realizado em 2005, que mulheres negras, vítimas do racismo e do sexismo, possuem os piores indicadores em praticamente todas as áreas. Por conta deste cenário, o ativismo de mulheres negras já nasce pautando todas as complexidades que passam por este grupo.

Apesar de não existirem dados que avaliem a atuação de ativistas negras no país, conhecemos por meio da história as experiências desafiadoras e únicas enfrentadas pelo movimento de mulheres negras no Brasil e na diáspora negra.

Nilma Lino Gomes (2017) destaca o papel político e educador das mulheres negras no projeto emancipatório quando: “Denunciam a violência machista dentro do próprio Movimento Negro e demais movimentos sociais, nas relações domésticas, nas disputas internas; quer sejam no emprego, nos movimentos, nos sindicatos e nos partidos. Elas reeducam homens e mulheres negros, brancos, de outros pertencimentos étnico-raciais, e também elas mesmas”.

Jurema Werneck (2005) escreve sobre o papel das organizações de mulheres negras, como a Red de Mujeres Afrolatinas e Afrocaribeñas, que surgiu no ano de 1992, integrada por mulheres negras da maioria dos países da região. Além disso, Werneck ressalta também a atuação das mulheres negras nas associações de moradores de favelas e bairros pobres, nos grupos de mães na luta por melhor qualidade da educação pública, nas organizações de trabalhadoras e trabalhadores rurais e urbanos, nos movimentos pela reforma e melhoria do sistema de saúde pública, além das articulações religiosas tanto de matriz africana quanto cristãs e outras. “E, inclusive, nos movimentos políticos de confronto com regimes ditatoriais e na constituição nos movimentos de luta homossexual”, lembra Jurema Werneck.

Em um momento tão decisivo da sociedade, olhar para as experiências destas mulheres que estão moldando todos os setores sociais é essencial para responder a questão principal deste relatório: para onde devemos ir no pós-pandemia? As perguntas iniciais do formulário tinham com objetivo traçar um perfil das mulheres negras ativistas que deram a nós as respostas para a pergunta central.

A pesquisa adotou o padrão de classificação do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), que divide a população do país em cinco grupos: pretos, pardos, brancos, amarelos e indígenas. Do total de 245 respostas ao formulário de pesquisa, entre as cinco opções do IBGE e uma opção ‘não sabe’, 94% mulheres se declaram pretas e 6% pardas. Visto que a chamada para participação foi para “mulher negra ativista”, todas as inscritas se declararam nesta categoria. Acreditamos que a declaração “preta” muito superior a “parda”, mesmo “negro” sendo consideradas pelo IBGE o somatório de “preto” e “pardo”, se dá também pela escolha política do “preto” como declaração.

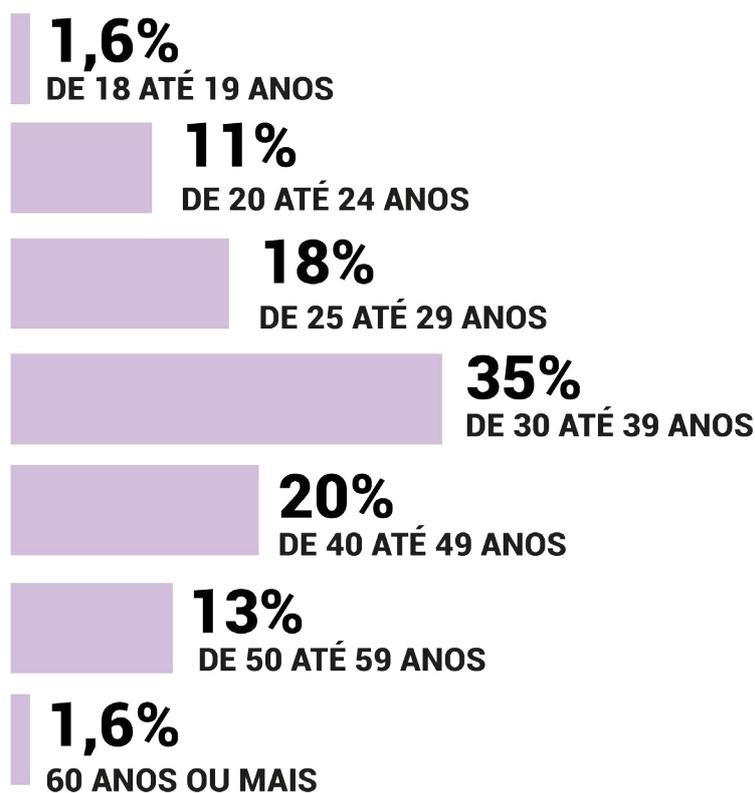
No universo de mulheres que acessamos, 98% são mulheres cisgêneros e 2% mulheres transgêneros. Apesar do avanço da representação de mulheres trans no ativismo de mulheres negras apontar que o número de mulheres trans

da pesquisa poderia ser maior, entendemos que a inexistência de um dado oficial sobre o número de mulheres cis e trans no país dificulta entender a proporção entre as ativistas.

Houve uma dificuldade na estratégia de coleta de dados relacionada a este grupo. Acreditamos que poderíamos ter alcançado uma proporção maior se estivéssemos em outro cenário que não o atual da COVID-19, onde mulheres trans estão em uma situação de maior vulnerabilidade. A Associação Nacional de Travestis e Transexuais (Antra) divulgou que o Brasil apresentou novo aumento consecutivo nos casos de assassinatos de pessoas trans em relação ao ano de 2019, desta vez no primeiro quadrimestre de 2020, mesmo no período de pandemia da COVID-19. De acordo com a Antra, de janeiro a abril de 2017, foram 58 assassinatos, 63 no mesmo período de 2018 e 43 ocorrências em 2019. De janeiro a abril de 2020, foram 64 assassinatos, um aumento de 49% em relação ao mesmo período de 2019 e maior do que os anos anteriores, 2017 e 2018. A Associação ressaltou que todas as pessoas trans assassinadas até abril de 2020 são travestis e mulheres transexuais. No mesmo período tivemos ainda 11 suicídios, 22 tentativas de homicídio e 21 violações de direitos humanos. Além de 6 casos de mortes relacionadas à COVID-19, segundo a associação.

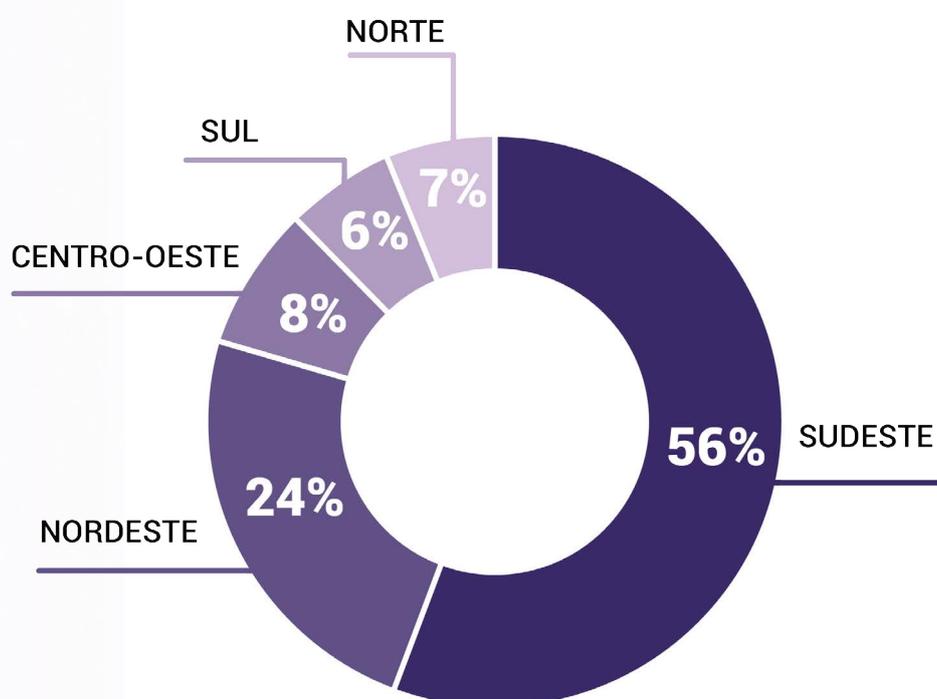
Em relação à faixa etária das participantes, temos mulheres de 20 a 29 anos que são 29% na pesquisa, mulheres de 30 a 39 anos que representam 35%, mulheres de 40 a 49 anos 20% e mulheres de 50 anos ou mais 15%. As mais jovens, 18 a 19 anos, representam 2% das participantes. Com os dados, percebemos a necessidade de realizar futuras pesquisas que trabalhem a questão geracional no movimento de mulheres negras de forma mais central.

Perfil por faixa etária % em relação ao total de respostas por categoria



A pesquisa tem dados de mulheres negras ativistas das cinco regiões brasileiras, a região com o maior número de ativistas que participou da pesquisa é a região Sudeste que concentra 56% das respostas. Depois, 24% Nordeste, 8% Centro-Oeste, 6% Norte, 6% Sul. Não buscamos uma proporção da amostra com a representação demográfica de mulheres negras regionalmente no país, visto que não podemos afirmar que exista uma relação direta entre o número de ativistas negras e o número de mulheres negras em cada região.

Perfil por região
% em relação ao total de respostas por categoria



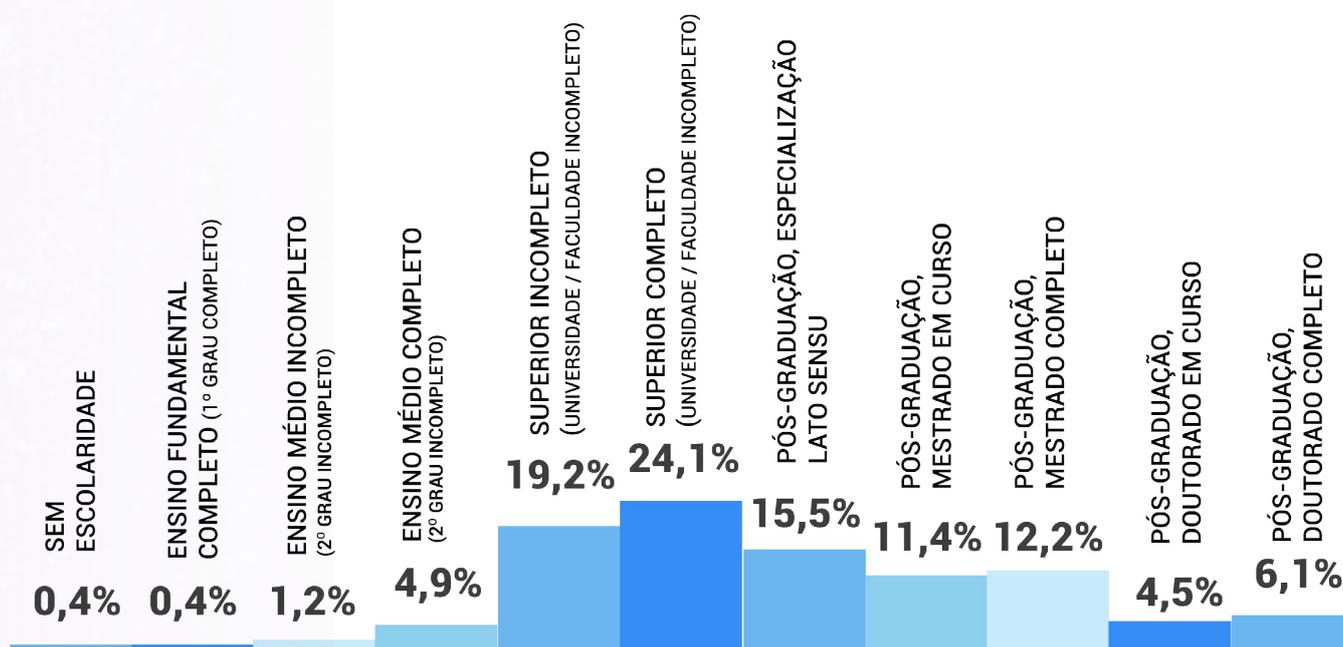
Os cinco estados que mais responderam foram Rio de Janeiro (36%), Bahia (10%), Minas Gerais (10%), São Paulo (9%), Pernambuco (4%), representando 70% do total de respostas. Percebemos que estes estados apresentaram campanhas de ativistas negras vitoriosas em 2018. Um outro dado a destacar é que 29% das mulheres que responderam a pesquisa não residem nas capitais de seus estados e 71% delas residem nas capitais. Mulheres que moram em favelas ou comunidades representaram 32% das respostas. Devido ao número de mulheres negras em favelas e comunidades que responderam a pesquisa, destacamos o histórico do ativismo de mulheres negras atrelado à luta territorial e urbanística. Ativistas cuja trajetória de luta é iniciada nas favelas, comunidades e os lugares onde vivem.

Educação e renda familiar, uma discussão à parte

Partindo do mesmo pressuposto apontado pela professora da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) Nilma Lino Gomes, ex-ministra das Mulheres, da Igualdade Racial e dos Direitos Humanos (MMIRDH), no livro “O Movimento Negro Educador”, compreendemos o número elevado de mulheres negras ativistas que acessaram o Ensino Superior na pesquisa. Para Nilma Gomes, o Movimento Negro “tem se constituído como um dos principais mediadores entre a comunidade negra, o Estado, a sociedade, a escola básica e a universidade”. Sendo assim, a autora ressalta que a luta pelo acesso à educação foi uma escolha do Movimento Negro, que se deu por meio da luta pelas ações afirmativas e das cotas raciais.

Os dados mostram o impacto desta escolha na vida das mulheres negras ativistas. Dentre as 245 mulheres, 93% delas acessaram o Ensino Superior, sendo 19% com superior incompleto, 24% com superior completo e 50% com pós-graduação concluída ou em andamento. Com pós-graduação, 11% já acessou o doutorado. Apenas 7% das mulheres não acessaram a universidade, 5% com Ensino Médio completo e 1% com Ensino Médio incompleto.

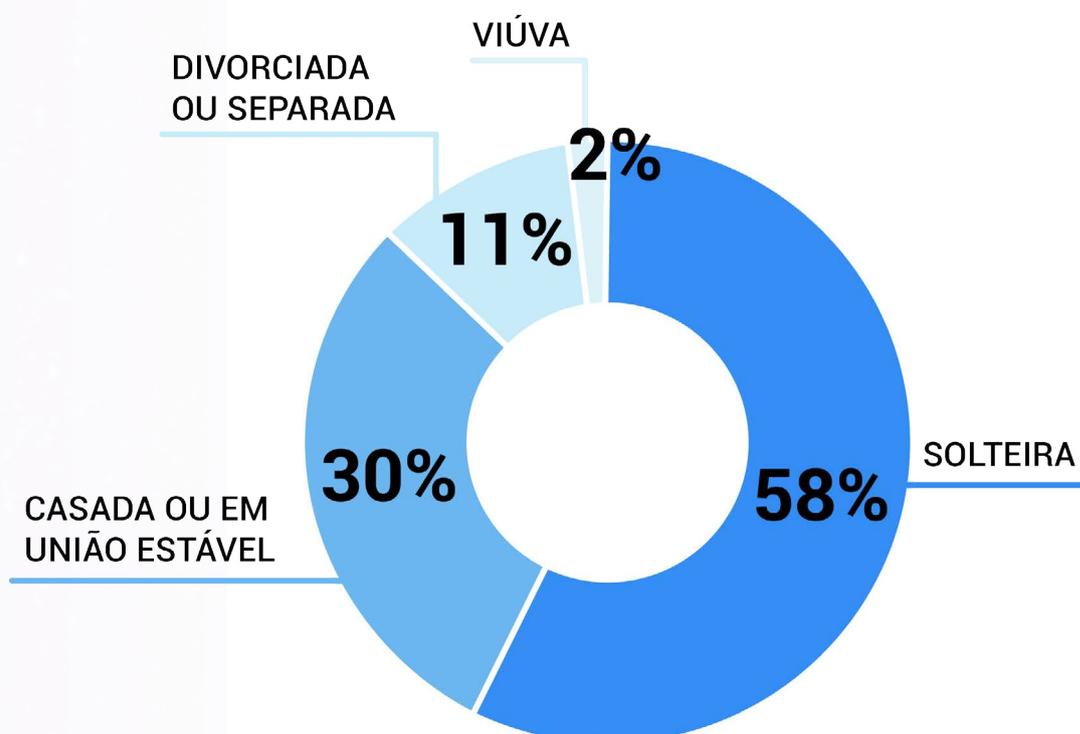
Perfil por escolaridade % em relação ao total de respostas por categoria



Apesar do alto nível educacional, o movimento não se repete quando olhamos para a Renda Mensal Familiar das mulheres que responderam a pesquisa. A maioria, 57% delas, possuem renda familiar de até três salários mínimos. Dessas, 3% declararam estar sem renda, 12,7% têm renda de até um salário mínimo (até R\$ 1.045,00), acima de um até dois salários mínimos (de R\$1.045,00 até R\$ 2.090,00) 23,7% e 17,6% acima de dois até três salários mínimos (+ de R\$2.090,00 até R\$ 3.135,00).

Não existe uma variação significativa quando comparamos o grupo de mulheres negras ativistas que moram em comunidades e favelas e os grupos que não moram em relação ao acesso ao Ensino Superior, 92% das mulheres que moram em comunidade ou favela acessaram o superior e das que não moram 93%.

Perfil por situação matrimonial % em relação ao total de respostas por categoria



As diferenças passam a ser representativas entre esses grupos em relação à renda. Das mulheres que moram em comunidade ou favela, 81% recebem até três salários mínimos de rendimento familiar, 16% recebem de três a cinco salários. Já as mulheres que não moram em comunidade ou favela, 46% recebem até três salários de rendimento familiar, 17% recebem de três a cinco salários e 37% acima de cinco salários mínimos na renda familiar. Contudo, esses territórios concentram maior percentual de mulheres com até 30 anos, totalizando 38%, entre as que não moram em comunidades ou favelas as mulheres com até 30 anos representam 28% das respondentes.

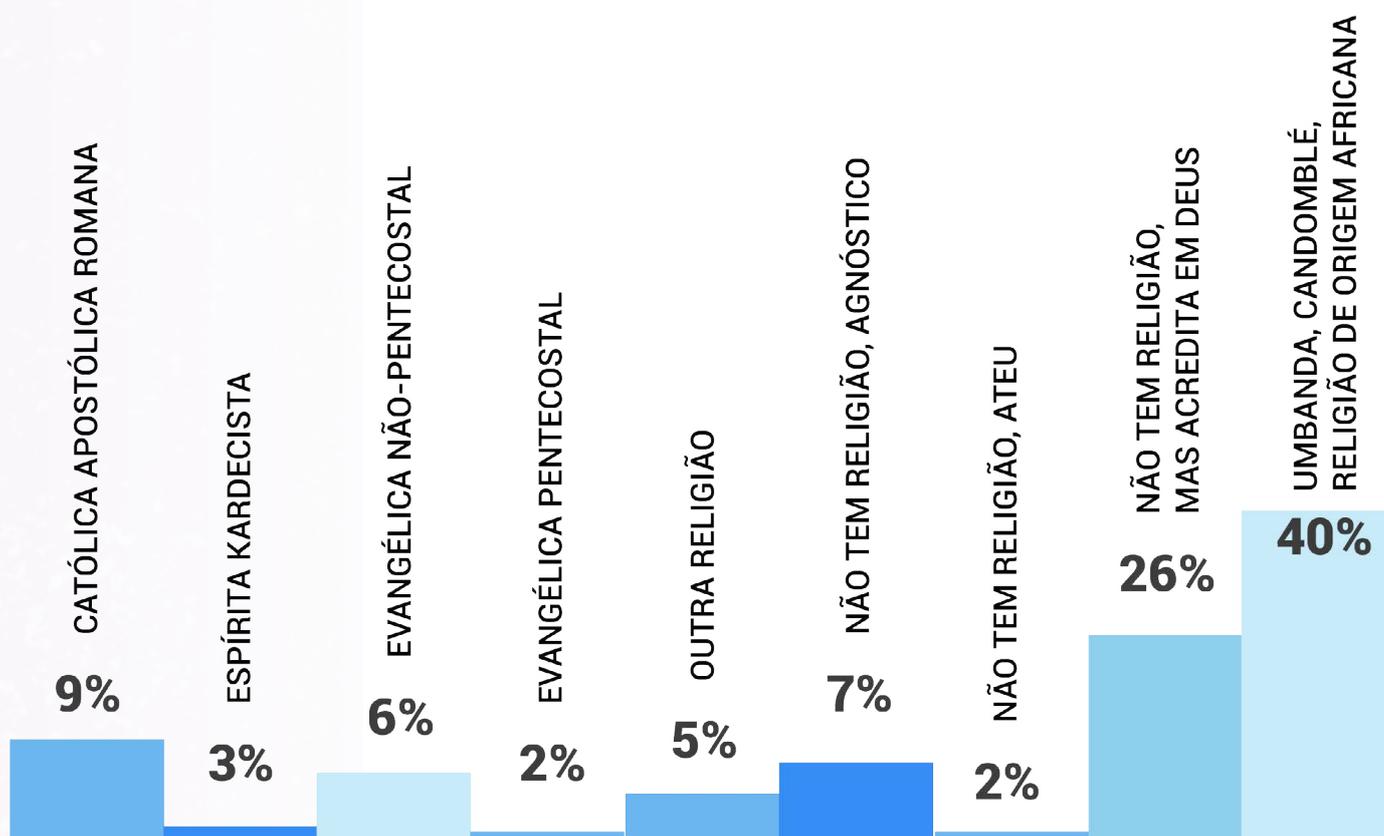
Em relação ao recebimento de algum subsídio do Estado (exemplo: bolsa estudantil, bolsa família), 45% das mulheres informou que já recebeu. Não é uma surpresa, já que as mulheres negras são as principais beneficiárias de políticas de transferência de renda nos últimos anos. Dados do Cadastro Único, destacado em [publicação da ONU Mulheres e do governo brasileiro](#), mostra que em dezembro de 2014, 88% de todas as famílias inscritas nos programas sociais brasileiros eram chefiadas por mulheres e 73% eram famílias negras. Entre as chefiadas por mulheres, 68% eram lideradas por mulheres negras.

Perfil por quantidade de filhos % em relação ao total de respostas por categoria



Podemos destacar o número alto de mulheres negras das religiões “Umbanda, Candomblé, religião de origem africana” (40%) e “Sem religião, mas acreditam em Deus” (26%). Acreditamos que isso se dá tanto pelo trabalho histórico realizado pelas religiões de matriz africana na manutenção das tradições e na construção de uma identidade negra positiva, quanto no fortalecimento de uma perspectiva crítica, presentes também em outros grupos da sociedade, as grandes religiões organizadas (16% “sem religião” no Brasil em 2010, Censo IBGE). Reconhecemos a atuação de católicas e evangélicas progressistas na luta antirracista brasileira, mas acreditamos que a baixa presença delas no grupo que acessamos explica-se por ainda estarem em processo de reajuste e aproximação do campo do ativismo das mulheres negras.

Perfil por religião ou culto % em relação ao total de respostas por categoria



Dentre as ocupações, 36% das mulheres ocupam um cargo público. Vemos que a renda salarial familiar de mulheres que exercessem cargos públicos é superior, apenas 30% recebem até três salários mínimos e 48% recebem mais de cinco salários; das que não ocupam cargos públicos, 73% recebem até 3 salários mínimos. Analisando as funções das mulheres que ocupam cargos públicos, vemos que muitas delas trabalham na execução e implementação de políticas do estado.

Das 245 mulheres, quase 60% fazem parte de organizações, movimentos ou coletivos de mulheres negras. Mais de 130 coletivos, organizações e movimentos de mulheres negras diferentes apareceram na pesquisa. A leitura por faixa etária, traz que as mulheres da faixa de 50 a 59 anos são as mais organizadas, 75% fazem parte de organizações, movimentos ou coletivos de mulheres negras.

Das ativistas que responderam, 74% fazem parte de organização, movimento ou coletivo político ou social. Mulheres que participam tanto de organizações, movimentos ou coletivos de mulheres negras como organização, movimento ou coletivo político ou social, são 48%.

Quando perguntamos “quais causas associariam seu ativismo atualmente”, percebemos a mesma diversidade observada nas organizações.

Os espaços com maior atuação das ativistas das pesquisas são: movimentos sociais, veículos de mídia e redes sociais, escolas e os conselhos, comitês, comissões ligadas à administração pública.

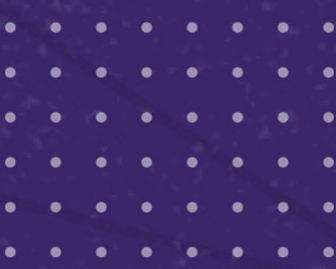
Com os dados apresentados neste capítulo, percebemos que os estereótipos limitantes direcionadas ao grupo de mulheres negras ativistas são destituídos. Vemos que essas mulheres têm a capacidade de protagonizar diferentes lutas e pautas, têm capilaridade e atuam em diferentes territórios. O que reforça ainda mais Nilma Lino Gomes quando escreve que os movimentos sociais são “os produtores e articuladores dos saberes construídos pelos grupos não hegemônicos e contra hegemônicos da nossa sociedade”.

Perfil por causa do ativismo % em relação ao total de respostas por categoria





COMO ESTAMOS ATUANDO?



Cientes que este relatório trata de uma pesquisa realizada em uma crise histórica no Brasil e no mundo, cabe então apresentar o contexto e, posteriormente, a atuação das mulheres negras nele. O surto inicial da COVID-19 deu origem a uma pandemia global que no dia 29 de maio de 2020 tinha resultado em 5.867.727 casos confirmados e 362.238 mortes em todo o mundo. No Brasil, de 1 de março a 28 de maio, foram 438.238 casos acumulados e 26.754 óbitos, de acordo com o Ministério da Saúde.

A fim de evitar a propagação da doença, a população do mundo toma medidas para promover o isolamento social. As estimativas do estudo realizado pelo Imperial College, de Londres, mostraram que medidas como isolamento, fechamento de escolas e universidades, proibição de reuniões de massa e eventos públicos em 11 países europeus evitaram 59 mil mortes até 31 de março.

O cenário acaba por expor e acentuar todas as desigualdades da sociedade brasileira, começando com a saúde, passando pelo acesso à alimentação, ao saneamento básico, habitação, educação, trabalho e renda. As vulnerabilidades são maiores para “pessoas que vivem em favelas e periferias, pessoas em situação de rua, população negra, pessoas em privação de liberdade (incluindo adolescentes e jovens no sistema socioeducativo), mulheres (cis e trans, especialmente as negras e indígenas), povos indígenas, comunidades quilombolas, povos e comunidades tradicionais do campo, da floresta e das águas, trabalhadoras e trabalhadores autônomas e autônomos (especialmente informais), população LGBTQI, migrantes e refugiados, crianças, adolescentes e idosos e idosos dos diferentes grupos”, como salientou a Anistia Internacional Brasil.

Jurema Werneck no artigo “De Ialodês e Feministas - Reflexões sobre a ação política das mulheres negras na América Latina e Caribe”, publicado em 2005 na *Nouvelles Questions Féministes – Revue Internationale Francophone*, usa para o retrato das ações políticas das mulheres negras as ialodês, lideranças políticas femininas negras. “Segundo algumas das tradições africanas transplantadas para o Brasil, ialodê é um dos títulos dados a Oxum, divindade que teve origem na Nigéria, em Ijexá e Ijebu. Ialodê se refere também à representante das mulheres, a alguns tipos de mulheres emblemáticas, lideranças políticas femininas de ação fundamentalmente urbana. É, como dissemos, a representante das mulheres, aquela que fala por todas e participa de instâncias de poder. As ialodês, por outro lado, têm afirmado sua presença e atualidade no século XXI a partir das narrativas corporais e orais, passadas de boca para ouvidos, para olhos atentos, nos diferentes espaços onde a tradição herdada é atualizada”, escreve.

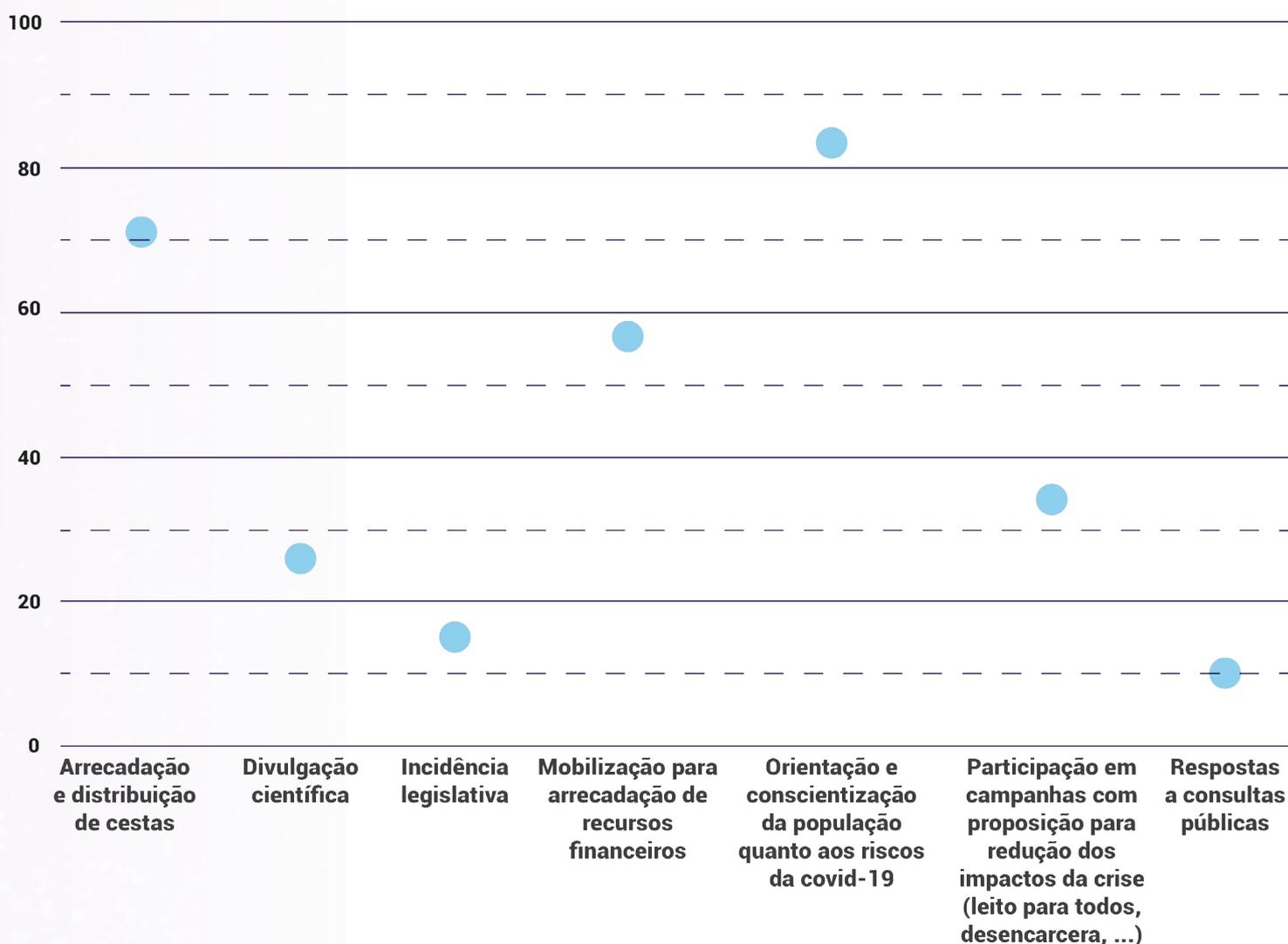
Werneck destaca que no Brasil este comportamento das ialodês é visto em mulheres nas comunidades negras, que assumem papéis de liderança ou responsabilidade coletiva e desenvolvem ações de afirmação de um futuro para todo o grupo subordinado. “Isto através das lutas por melhorias nas condições materiais de vida, bem como no desenvolvimento de condutas e atividades que visam afirmar a pertinência e atualidade da perspectiva imaterial” (WERNECK, 2005).

É com este histórico de participação política na sociedade que as mulheres negras ativistas desenvolvem suas ações durante a pandemia de COVID-19. Entre as entrevistadas da pesquisa, 62% afirmaram estarem atuando diretamente em alguma ação de combate à COVID-19 e seus impactos. As atuações estão mais voltadas para organização e conscientização da população (51,4%), arrecadação e distribuição de cestas básica (43,7% delas) e mobilização para arrecadação de recurso (34,3%).

Pedimos para as participantes compartilharem conosco o nome ou pequena descrição dessas iniciativas relacionadas ao combate à COVID-19 e seus impactos. Destacamos algumas resposta para um maior entendimento sobre as ações: 1. “Fundadora do comitê popular de crise de SG que atua na distribuição de cestas básicas e kits de higiene a famílias monoparentais chefiadas por mulheres, atuação direta nas PLs que atingem o sistema carcerário nesse momento de pandemia bem como apoio aos familiares da pessoas privadas de liberdade.” 2. “Atuando no controle social como Conselheira no Conselho Municipal de Saúde, através de fiscalização dos serviços prestados pela gestão do município a população.” 3. “Elaboração de material técnico-científico (guias, posters e palestras) sobre alimentação, saúde e ambiente valorizando a comunicação científica para a população.” 4. “Eu criei um grupo com 14 mulheres haitianas, que vivem em situação de risco, na grande maioria mãe solo. Eu distribuo 14 cestas básicas no começo e no final do mês. E fiz máscaras de panos, para as esquecidas mulheres encarceradas.”

As mulheres também responderam a quantidade de pessoas que foram beneficiadas por suas ações. Se somarmos o número de pessoas beneficiadas por cada uma, temos mais de um milhão e duzentos mil pessoas beneficiadas.

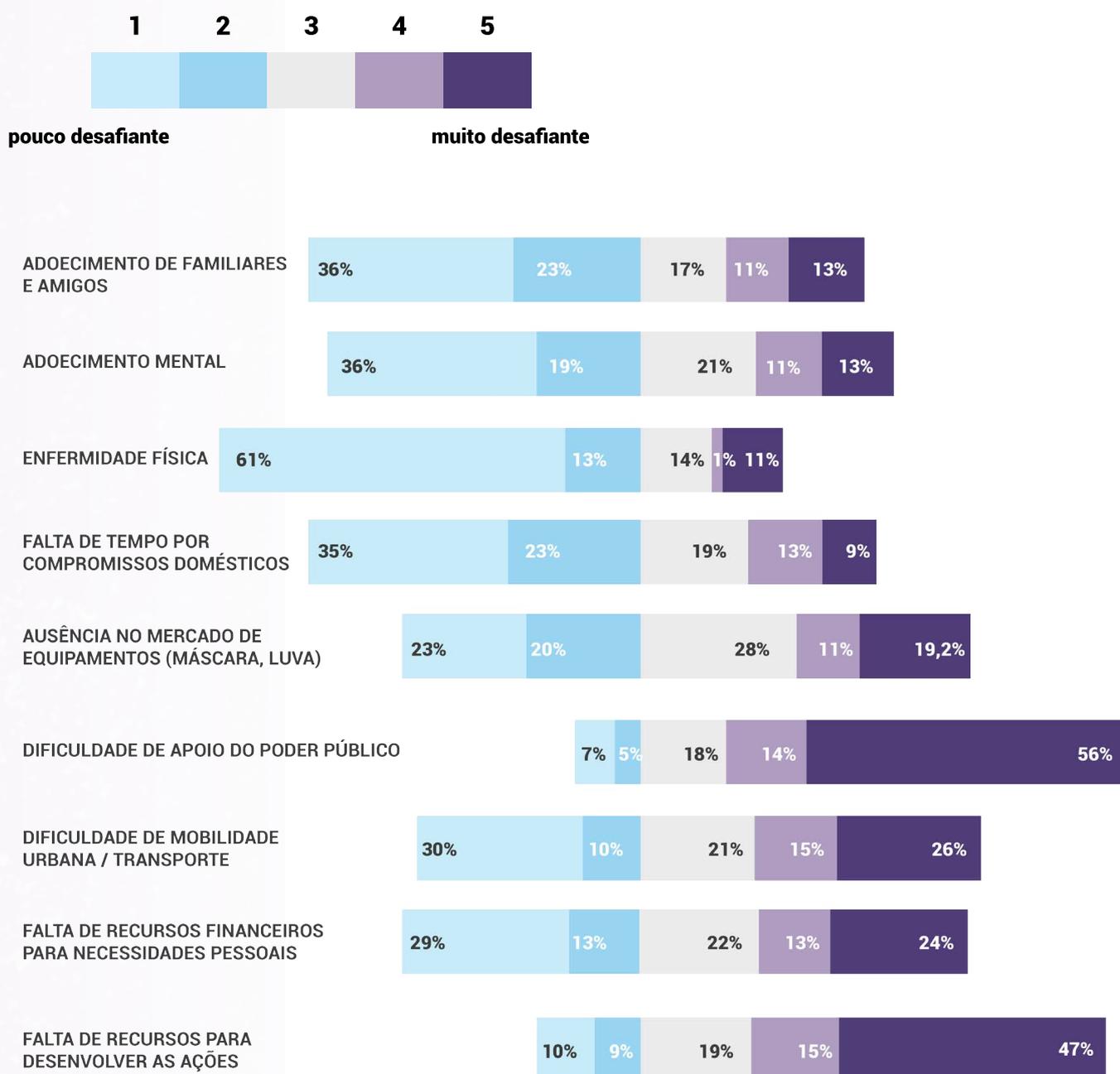
Ações de combate a COVID-19 e seus impactos % em relação ao total de respostas por categoria



Outro aspecto analítico foi que 36% (55 mulheres) das mulheres que estão atuando acessou alguma instância de poder executivo ou legislativo para demandar políticas de redução dos impactos da COVID-19. 80% delas conseguiram fazer algum encaminhamento no espaço que acessaram. Os maiores desafios para o desenvolvimento das suas ações são falta de recursos para desenvolver as ações e ausência no mercado de equipamentos (máscara, luva).

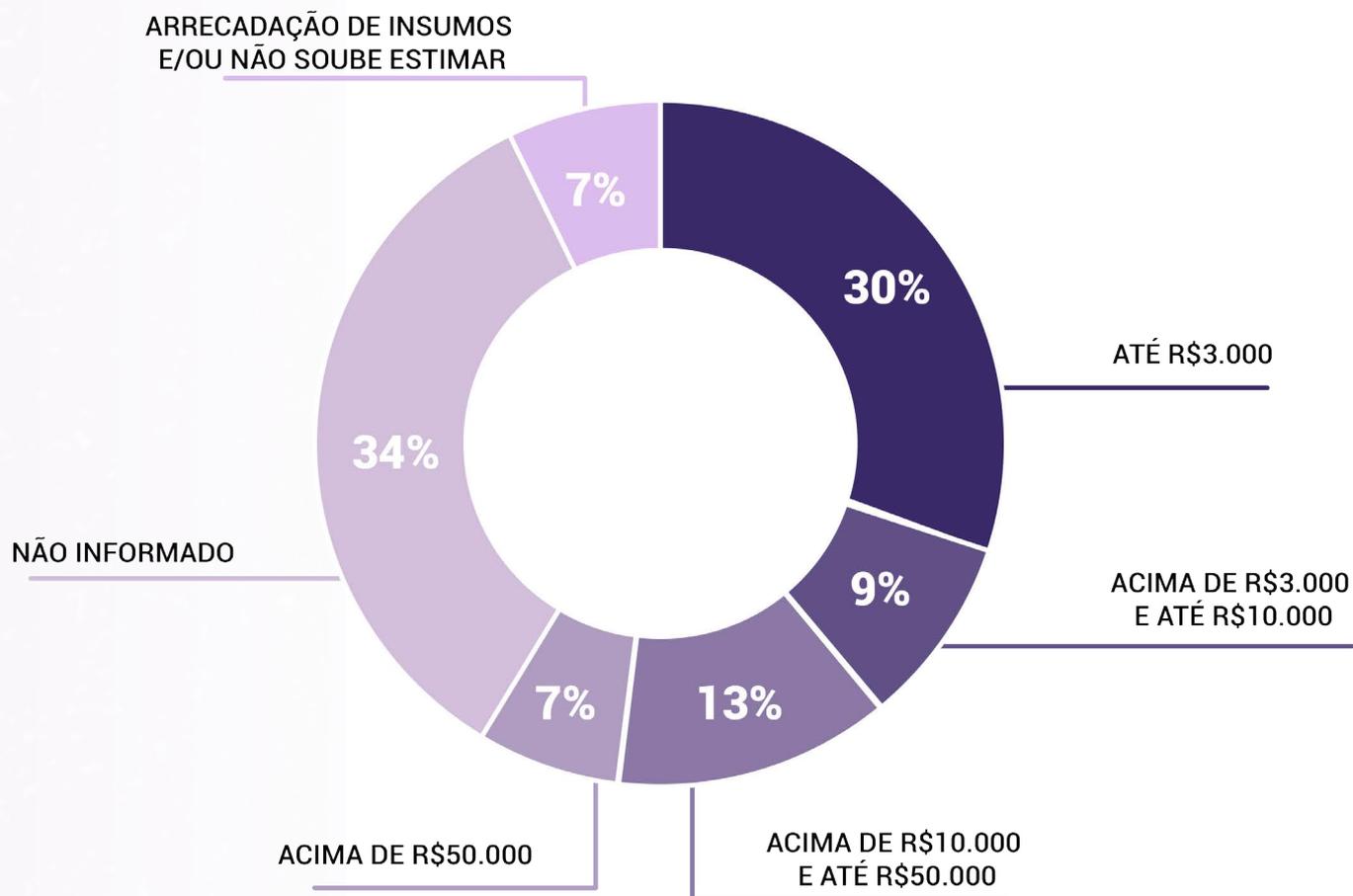
As mulheres que têm algum financiamento para realizar as ações conseguem a partir de relação direta com doadores (29%), recolhimento de doações localmente (28%) e financiamento coletivo virtual (21%). A maioria, 29%, conseguiu arrecadar até R\$3.000,00. Acima de R\$3.000,00 e até R\$10.000,00 foram 9% e acima de R\$10.000,00 e até R\$50.000,00, 13%.

Avaliação de desafios para o desenvolvimento das ações de combate a COVID-19 e seus impactos



Arrecadações para combate a COVID-19 e seus impactos

% em relação ao total de mulheres que atuaram na pandemia



Das mulheres que fazem ou fizeram parte de alguma organização, movimento ou coletivo de mulheres negras, 69% estão atuando em ações de combate a pandemia. Entre as que não fazem parte, a atuação é de 51% do grupo. Já as mulheres que indicaram que fazem ou fizeram parte de alguma organização, movimento ou coletivo social ou político, 66% estão atuando em ações de combate a pandemia. Entre as que não fazem parte da atuação é de 48% do grupo.

Das mulheres que fazem ou fizeram parte de alguma organização, movimento ou coletivo de mulheres negras e não fazem parte de outras, 57% estão atuando em ações de combate a pandemia. 72% das mulheres que fizeram ou fazem parte de alguma organização, movimento ou coletivo de mulheres negras e de político ou social estão atuando em ações de combate a pandemia. Das mulheres que não fazem parte de nenhum movimento organizado, 40% está atuando na pandemia.

Os casos das ativistas participantes da pesquisa nos mostraram situações que reforçam um ponto comum: o projeto de mundo das mulheres negras ativistas é baseado no bem viver. A filosofia indígena que propõe uma outra forma de organização social e práticas políticas foi tema central na Marcha das Mulheres Negras 2015 e em outras marchas de mulheres negras estaduais. Rosane Borges (2014) argumenta que o termo vai além de estratégia retórica, “mas é uma forma de incidir no projeto de nação.”

As experiências e os exemplos de nossas formas de resistência são múltiplos e atestam inequivocamente o lugar marginal a que fomos inseridas. Desse lugar, reivindicamos a vida plena, reivindicamos por saúde, educação, arte, lazer, moradia, em lutas infatigáveis. Das práticas dos terreiros, dos laços comunitários entre famílias negras, das manifestações culturais e religiosas, dos investimentos em educação – ações revestidas de caráter político – extrai-se um expressivo repertório de estratégias para o governo de si e dos pares

Rosane Borges.



MULHERES NEGRAS ATIVISTAS E DISPUTAS ELEITORAIS



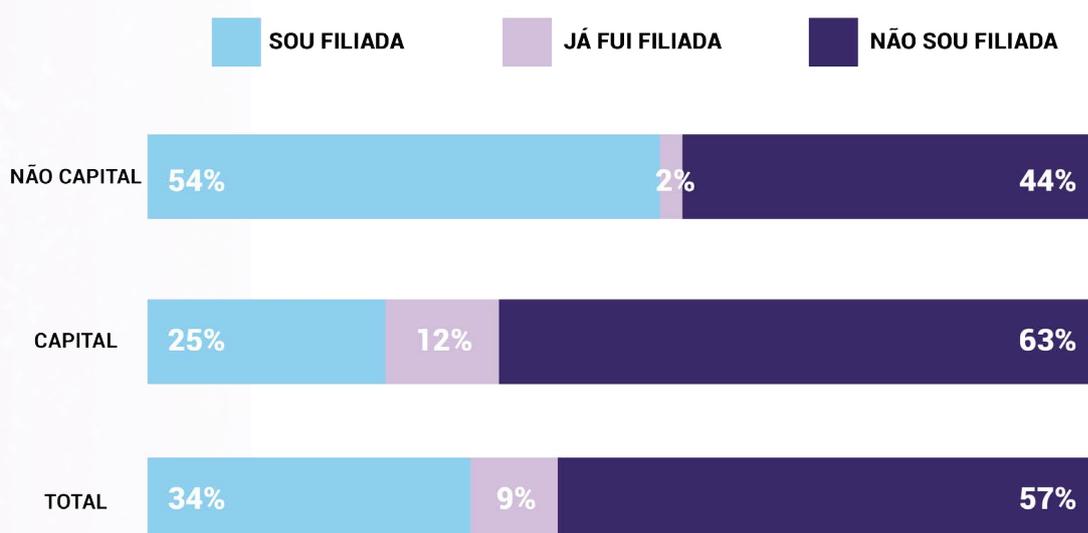
A pandemia de COVID-19 ocorre em ano de eleições municipais no Brasil, onde mais de 5.570 municípios brasileiros têm a possibilidade de renovar o seu legislativo local e chefe do executivo. Por conta das medidas de isolamento social, houve uma suspensão de alguns ritos eleitorais que impõem cenários de incertezas quanto às datas e as regras do processo eleitoral de 2020. As ativistas negras chegam neste contexto depois de uma onda de debates e candidaturas de 2018 que a ideia de superação da subrepresentação das mulheres negras nos cargos eletivos tomou a agenda pública.

Por conta disso, decidimos entender os reflexos da pandemia nos processos de decisão de uma possível candidatura de mulheres negras ativistas em 2020. Todos os dados apresentados neste capítulo foram coletados da seção do formulário sobre a atuação das ativistas em ações de enfrentamento à COVID-19. Das participantes, 151 mulheres responderam sobre suas perspectivas das eleições 2020.

Relacionado a obrigatoriedade como candidata de um pleito eleitoral no Brasil, ser filiada a um partido político é a primeira delas. Das respondentes, 34% são filiadas, 9% já foram e 57% não são e nunca foram filiadas.

Situação da filiação por capital

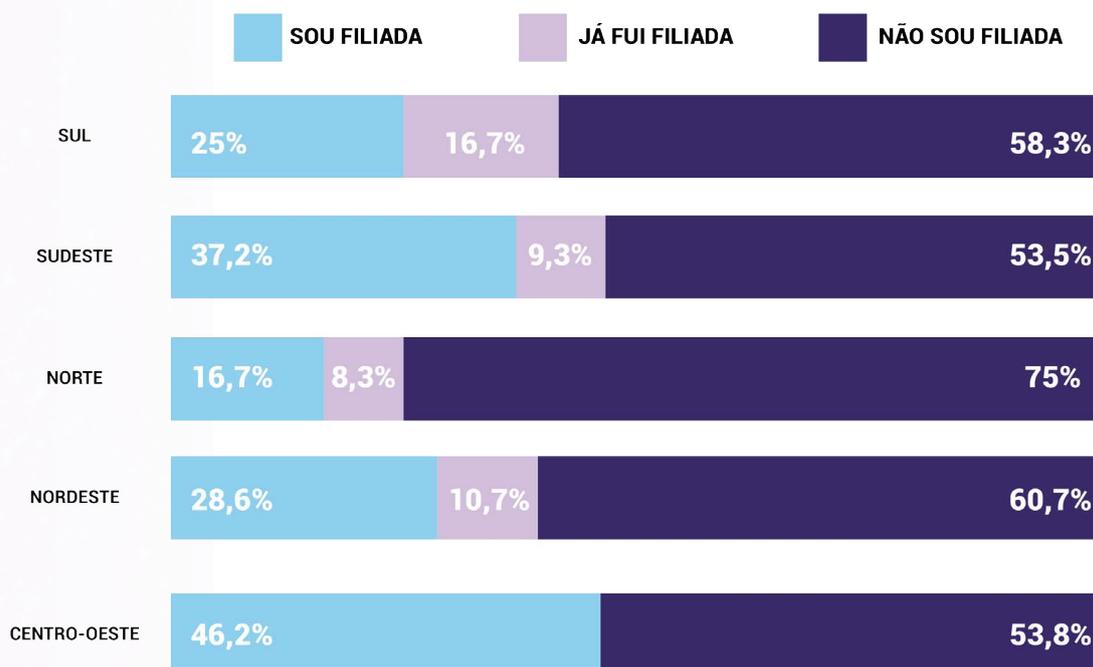
% em relação ao total de mulheres que atuaram na pandemia



O percentual de mulheres filiadas varia pouco em relação ao fato da moradia ser em comunidades ou favelas. Mais da metade (54%) das mulheres que estão atuando no contexto da COVID-19 e não moram na capital estão filiadas, ao passo que 25% das que moram em capitais e estão atuando são filiadas. O número de mulheres na capital que já foram filiadas é dez pontos percentuais maior que o de fora da capital, concentração de desfiliação com esse recorte. O percentual de mulheres filiadas varia pouco em relação ao fato da moradia ser em comunidades ou favelas. Em relação às regiões, o Centro-Oeste lidera o percentual de filiadas chega a 46%, seguido pelo Sudeste (37%), Nordeste (29%), Sul (25%) e Norte (17%).

Situação da filiação por região

% em relação ao total de mulheres que atuaram na pandemia



As mulheres que foram candidatas ao legislativo municipal ou estadual representam 13%; outras 35% atuaram em campanha política de forma voluntária ou remunerada.

Do total de mulheres, 29% considerou se candidatar para as eleições de 2020 antes da pandemia. Depois do início da pandemia, 25% ainda considera se candidatar, sendo 22,5% para vereadora, 2,6% para prefeita e vice-prefeita. A

Perfil de envolvimento em pleitos eleitorais anteriores

% em relação ao total de mulheres que atuaram na pandemia

52% NÃO SE CANDIDATOU OU ATUOU EM CAMPANHAS

26% TRABALHOU EM CAMPANHA DE FORMA VOLUNTÁRIA

9% TRABALHOU EM CAMPANHA DE FORMA REMUNERADA

13% JÁ FOI CANDIDATA

região com maior percentual de mulheres que ainda consideram se candidatar é a região Sul (42%).

Apesar da diferença entre quem considerava se candidatar antes do início da pandemia e depois do início ser de apenas 4%, 29% das mulheres que ainda consideram se candidatar afirmam não estar filiadas a nenhum partido político. Mesmo que exista um nível de abandono de candidaturas em todo pleito, este dado pode indicar um contexto de dificuldades superior para as ativistas negras que atuaram em ações de enfrentamento à COVID-19.

A participação de ativistas negras em processos eleitorais não é uma novidade trazida à cena pela pandemia, mas sim um projeto implementado desde o início da redemocratização brasileira. Apesar das recentes conquistas, a eleição de diversas candidaturas de mulheres negras ativistas em 2016 e 2018, o percurso entre o desejo de se candidatar, efetivação da candidatura e uma possível vitória pode não ser linear para muitas mulheres negras. Os estereótipos, as estruturas partidárias refratárias, baixo financiamento e a violência afastam muitas ativistas negras da possibilidade de usarem a arena eleitoral como um espaço de organização e priorização de plataformas políticas.



***PARA ONDE VAMOS - POR UMA
NOVA IMAGINAÇÃO POLÍTICA
LIDERADA PELAS MULHERES
NEGRAS***



Já é quase um chavão para aqueles que trabalham com perspectivas críticas da sociedade ouvir que “a crítica é mais sofisticada do que a possibilidade de proposição”. Ou seja, que a habilidade de delimitar os problemas e os defeitos de um modelo é superior a capacidade de reimaginar rotas de saída e resolvê-los. Essa frase faz parte de uma longa lista de afirmações que ocupam lugar de destaque nas análises intelectuais e políticas, associadas ao fim das grandes narrativas e utopias de transformação. Há muito a criticar nestas afirmações. Para começar, elas não servem para pensar processos de transformação social. Na medida que estes processos ocorrem, todo o conjunto teórico da falta de impossibilidade de ação e de perspectiva desmorona por si só. Mas, esses clichês, por mais desgastados que pareçam, acertam em um ponto, o sujeito político universal; o homem, branco e do norte global perdeu a capacidade de organizar e liderar grandes processos de mudança.

Não nos surpreende que nas últimas décadas tenham explodido os nichos de consultoria política e políticos profissionais que afirmam que há um teto para os nossos sonhos. Que política é a arte de gerenciar problemas e crises. Que as análises baseadas em dados são o caminho para resolvermos os nossos problemas. As equações matemáticas, as cargas tributárias, definições orçamentárias aparecem como premissas incontestáveis, cabendo aos políticos profissionais apenas forjarem soluções para a saída sem mudar o jogo. Muitos dos pretensos progressistas repetem as mesmas afirmações, e, direcionam para os grupos que não se conformam a alcunha de irresponsáveis, despreparados e radicais. Mesmo diante de uma crise global, como a que estamos vivendo, aguçada por políticos de extrema-direita que não seguem as ditas premissas de “bom senso”, persiste em um setor expressivo dos nossos políticos a sensação de que precisamos ir com calma. Pura falta de imaginação de quem não conhece as saídas.

Onde ficam as ativistas negras brasileiras nesta cilada? De um lado, o grupo vivencia os piores efeitos da deterioração de uma ética política capaz de adensar e ampliar a cidadania. Do outro lado, protagonizam capítulos históricos de mobilização, guinada crítica e imaginação social e política. Ao longo dos capítulos deste relatório contamos o que estas ativistas negras fizeram quando o mundo parou. Descobrimos que a capilaridade, as recentes conquistas educacionais e uma forte cultura comunitarista foram usadas imediatamente por este grupo para garantir a sobrevivência. Fizeram muito com pouco. Agiram rápido quando ninguém esperava muito delas. As próprias ativistas identificaram as lacunas de sua atuação e em meio ações diretas refletiram e ampliaram o debate sobre a importância do Estado e das disputas eletivas. Mas, acima de tudo, com essa pesquisa, acessamos mulheres negras de todas as idades e dos mais diversos campos de atuação, atualizando o futuro com suas imaginações sociais e políticas.

Para onde vamos, se seguirmos as mulheres negras? Qual é a linha que costura este ativismo tão diverso? Com o que deveríamos nos preocupar no pós-pandemia se assumimos a perspectiva das ativistas negras? E quais deveriam ser as nossas prioridades na reconstrução do mundo pós-pandêmico?

Como já mencionamos, estruturamos o nosso formulário em três grandes seções: De Onde Partimos? Como Estamos Atuando? Para Onde Vamos?. Cada seção termina com um espaço aberto para responder a pergunta que dá nome à seção. As respostas voluntárias, não direcionadas por uma lista de possibilidades, nos permitiriam acessar detalhes das trajetórias individuais das ativistas. Foi com certa surpresa, que além de conhecermos mais as pessoas por trás do bloco de respostas que analisamos, também percebemos que existem fortes elementos de coesão entre estas respostas abertas. A surpresa se origina do fato de que o grupo que analisamos é formado por mulheres negras com indicadores socioeconômicos, territórios e faixas etárias muito diversas. Além disso, apesar do movimento de mulheres negras moderno ter uma tradição de décadas, seus princípios, proposições e lideranças não fazem parte do mainstream como outros movimentos sociais.

Nestas seções, nos conectamos com o que estamos chamando aqui de Imaginação social e política das ativistas negras. Um processo de criação de formas, imagens, soluções e ferramentas que em muitos casos independem de mediações com as análises teóricas, são absorvidos a partir da prática. Como pode ser visto abaixo, a pergunta De Onde Partimos foi diversas vezes respondida com aspectos relacionados a ancestralidade e a comunidade familiar. A experiência colonial, em especial a escravização de pessoas e a dualidade entre falta e potência, também foram frequentemente apontados como ponto de partida.



O que mais qualifica essa imaginação própria das ativistas negras? Por mais que o mundo de fora frequentemente considere o ativismo das mulheres negras como sectário, autocentrado e a serviço do liberalismo, as ativistas que entrevistamos estão mais preocupadas com os desafios globais e em pensar soluções universais, do que em apartar-se do tecido social. Elas estão focadas em resolver problemas relacionados aos efeitos do empobrecimento e da desigualdade social e não apenas interessadas em garantir uma diversidade estéril. São as mulheres negras que conhecem, como poucos, os serviços oferecidos pelo Estado, tanto como beneficiárias, quanto executoras da ponta.

Concordância de possíveis cenários no pós-pandemia



A PANDEMIA IRÁ IMPACTAR NEGATIVAMENTE NO MERCADO DE TRABALHO, EM ESPECIAL PARA OS MAIS POBRES, COM O DESAPARECIMENTO DE POSTOS DE TRABALHO.



A PANDEMIA IRÁ AUMENTAR AINDA MAIS AS DESIGUALDADES E ISSO IRÁ PERMANECER POR MUITOS ANOS



A PANDEMIA VAI AMPLIAR OS DEBATES SOBRE AUTOCUIDADO E CUIDADO COLETIVO.



A PANDEMIA IRÁ FORTALECER O ATIVISMO E O PROTAGONISMO DAS MULHERES NEGRAS



VAI OCORRER UM AUMENTO DAS FORÇAS PROGRESSISTAS NAS PRÓXIMAS ELEIÇÕES MUNICIPAIS.



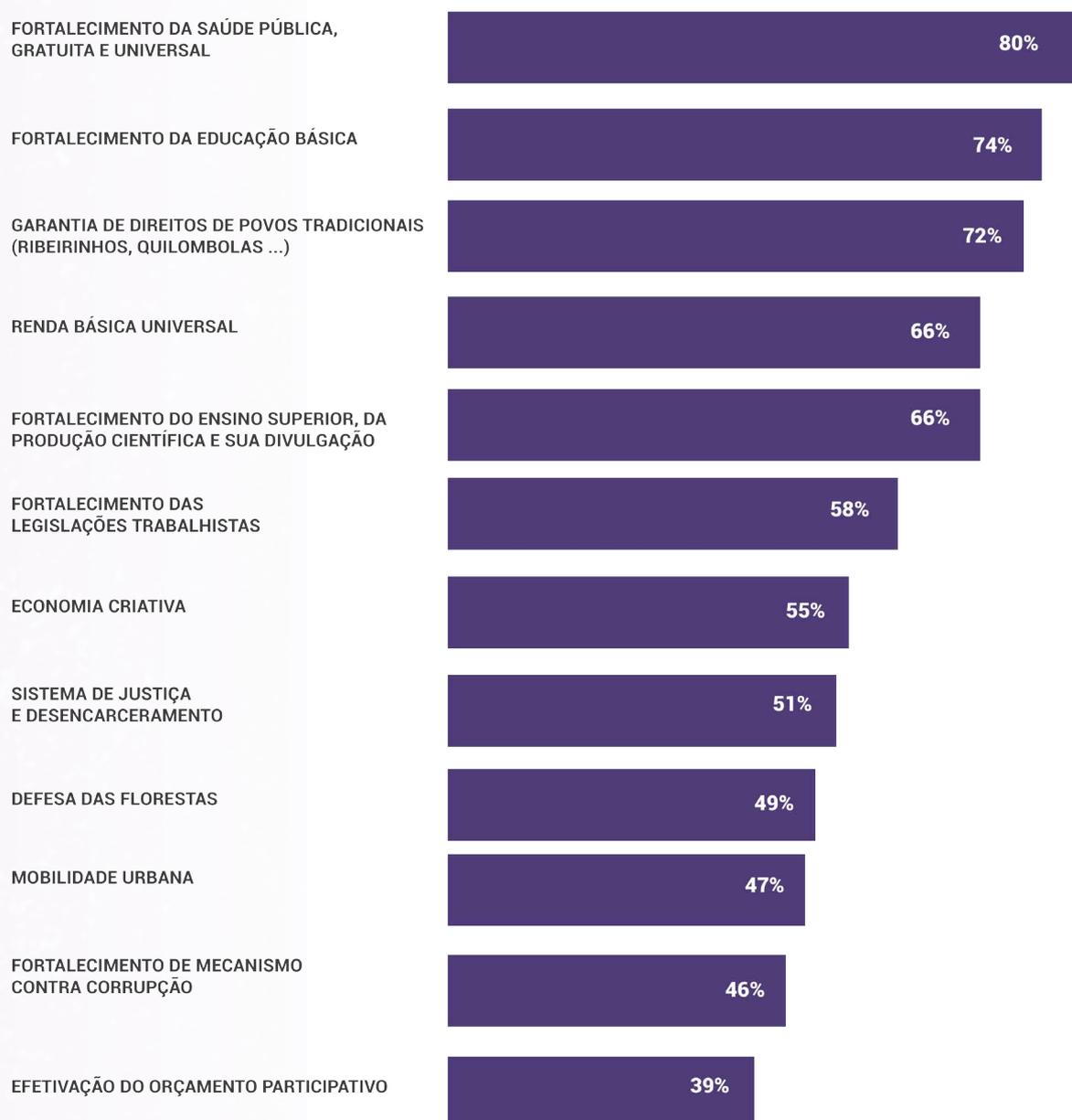
VAI OCORRER UM AUMENTO DA EXTREMA DIREITA NAS PRÓXIMAS ELEIÇÕES MUNICIPAIS.



Deixando de lado as polêmicas sobre os estereótipos relacionados ao ativismo feito por mulheres negras, é possível entender que o lugar assumido pelos temas prioritários de atuação destas mulheres, muitos deles associados com o reforço da identidade, é o de possibilitar a emergência da mulher negra como um sujeito político. Isso significa que superar as limitações impostas pelos aspectos da identidade de gênero, racial e sexual são passos importantes na recuperação da humanidade e na autodeterminação das mulheres negras como seres políticos. É deste lugar, de mulheres negras revestidas de sua humanidade, que as ativistas que entrevistamos apontam as saídas para crise.

Prioridades de Incidência no pós-pandemia

% de classificação 'muito prioritário' em relação ao total de respostas



As ativistas negras rejeitam um modelo de Estado que apenas remedie problemas. Ou um modelo de sociedade que abra mão de valorizar aquilo que é essencial para vida. São professoras, pesquisadoras, domésticas, enfermeiras, quilombolas, artistas, assistentes sociais, etc, que afirmam que o que deve ser priorizado e valorizado é aquilo que garante a existência. Que discordam de limitar o seu modelo de Estado em acordos e pactos dos quais não fizeram parte. Elas, sem precisar de mediações, concordam que a saída da crise aponta para reafirmar e reinventar os melhores momentos da imaginação social e política brasileira.

Em um momento de agitação e angústias sem precedentes, as ativistas negras são a chave para recuperar a ética na política. Podem ser as agentes de um verdadeiro processo de renovação e reconstrução da sociedade brasileira. São capazes de vincular o Brasil aos debates mais avançados sobre priorizar os gastos sociais essenciais - saúde e educação - não importando o custo. Conseguem conectar os setores urbanos com o debate da proteção das florestas a partir da proteção dos povos tradicionais e seus territórios. Podem redefinir o debate da reprodução da vida ao liderarem as discussões sobre o futuro do trabalho e de uma renda universal.

Pela última vez, a pergunta deveria ser como fazemos a imaginação social e política das ativistas negras a base da nossa saída da crise?



CONSIDERAÇÕES FINAIS E ENCAMINHAMENTOS



Dado o clima político atual e os ataques implacáveis que as populações negras estão sofrendo, os movimentos, coletivos e indivíduos comprometidos geralmente precisam responder de forma rápida e reativa a cada novo evento. A imagem de dispersão e ação isolada parece descrever o estado das ações destas ativistas. Mas, se olharmos para o lado certo e, acima de tudo, se fizermos as perguntas certas, verificaremos um representativo grupo de ativistas negras que buscam vitórias concretas que permitem que suas comunidades sobrevivam e prosperem. Enquanto isso, constroem ideias fundamentais sobre como nossa sociedade deveria ser construída.

As mulheres negras ativistas qualificam e complexificam a atuação humanitária e o significado do voluntariado em um contexto de crise ao transferirem conhecimento e capacidade logística para implementar e maximizar suas ações. Elas demonstram maturidade ao considerarem e participarem das disputas eleitorais como meio de acesso à institucionalidade e espaços de tomada de decisão. Estas ativistas apontam para o futuro ao manifestarem outros modelos de sociedade e valores.

No entanto, este documento também demonstra que as ativistas negras, apesar de representarem um recorte específico dentro do universo das mulheres negras, também enfrentam as profundas desigualdades que marcam este grupo. Padecem de altos níveis de pobreza, estão sub-representadas ou mesmo ausentes de espaços de tomada de decisão política e suas ações como parte da sociedade civil acessam a baixas faixas de recursos do mundo filantrópico.

O Movimento Mulheres Negras Decidem e o Instituto Marielle Franco acreditam que é importante fortalecer a liderança e a organização do ativismo de mulheres negras que estão na linha de frente nas lutas pela vida e dignidade. Acreditamos que precisamos organizar o poder de baixo para cima e que a arena eleitoral pode ser aproveitada como mais um terreno para atualizarmos os nossos projetos de sociedade.

A partir dos dados, informações e histórias que coletamos para a realização deste relatório, indicamos possíveis caminhos para os movimentos de mulheres negras, organizações filantrópicas e tomadores de decisão do sistema político.

Aos movimentos, organizações e coletivos de mulheres negras:

- Desenvolver e promover ideias, narrativas e intervenções culturais que influenciem a consciência popular para enraizar novos projetos de sociedade e valores.
- Construir ações e metas compartilhadas intra movimento e inter movimentos a fim de aumentar o impacto de suas ações.
- Promover práticas de formação de lideranças em modelos horizontais de democracia.

As organizações filantrópicas:

- Reconhecer as lideranças e organizações de mulheres negras brasileiras como agentes fundamentais em processos de mudança social.
- Aumentar e priorizar recursos para manutenção e a sustentabilidade dos trabalhos realizados pelas ativistas negras.
- Prover financiamentos direcionados para a manutenção das ativistas negras, além dos recursos para execução das ações.

Aos tomadores de decisão do sistema político (Partidos, Congresso e Justiça eleitoral):

- Adotar políticas de promoção a paridade política com recortes raciais.
- Garantir mais celeridade nos processos de violência política e discurso de ódio na justiça eleitoral.
- Condicionar parte do financiamento público de campanhas a metas objetivas e mensuráveis de promoção a participação de mulheres negras.
- Reconhecer as lideranças e organizações de mulheres negras brasileiras como agentes fundamentais em processos de mudança social.

Com estas mudanças, acreditamos que é possível alcançar um futuro menos desigual, com políticas públicas que garantam o que é essencial para a vida e que ampliem a noção de humanidade. Há um momento decisivo em nossa sociedade em que a experiência das mulheres negras precisa ser reconhecida e valorizada. Precisamos que as mulheres negras estejam em posições que possam realmente afetar a mudança. Queremos que este relatório colabore na implementação de alguma forma de mudança tangível, capacitando as mulheres negras a saberem qual é a sua situação neste país, mas também informando a sociedade sobre o que está acontecendo e, a partir desta experiência, trabalharmos para realizar o futuro que queremos.



www.paraondevamos.org

